



O Gaiato

11 DE FEVEREIRO DE 1967
ANO XXIII — N.º 598 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Aos nossos Casados e Casadoiros

A propósito do casamento do Antunes e de Maria Emília

«Saiu o sementeiro a semear sua semente».

O texto evangélico de hoje começa assim, falando-nos de uma largada; de um gesto que enceta o futuro, que se abre para a vida, para mais vida.

O sementeiro saiu... Podia ter ficado preguiçosamente comendo o pão velho que os anos passados haviam dado. Este era certo, embora extingüível. A sementeira é uma aventura cujo desfecho ninguém conhece no momento em que a faz. Como serão os tempos? Propícios?... Quem o pode garantir?... Quem se compromete com o sementeiro, acerca do êxito da frutificação?

E no entanto, o sementeiro — a menos que se seja um pequeno de alma — sai. Sai e semeia, sabendo embora, que o campo é marginado por caminhos, e que por ele mesmo farão caminho — e parte da semente será calcada e morrerá; sabendo que, por mais cuidado havido na lavoura, sempre ficarão uns torrões deitados sobre o leito da terra, onde cairá semente — condenada também, à esterilidade; sabendo que as ervas ruins que não semeia, aparecerão a seu tempo, sugando o húmus que ele destinou à sua semente — e alguma dela não vingará.

Pois assim mesmo, sai e semeia, porque o dever do homem é olhar o futuro e caminhar em frente, consumindo-se para dar vida, para acrescentar a vida. Por isso ele nasceu. Por isso e para isso!

O nosso merecimento da Eternidade é sermos cooperadores de Deus na re-criação do mundo, conquistando-o, dilatando a vida sobre a Terra até aos confins do Universo que Ele fez para o homem e comprometendo-nos na sua permanência até ao fim do tempo.

Esta é a vocação genérica de que nenhum homem está isento. De nenhum que não renuncie a ser Seu filho e cavaleiro dos Seus Exércitos, voz a fazer o coro unânime com as Milícias Angélicas que anunciam a Paz e cantam a glória do Senhor do Universo.

Sementeiro — eis o que sou, o que devo ser, o que me compete ser — a não ser que escolha negar-me.

x x x

O Matrimónio — o que é senão uma largada?; um acto que enceta o futuro, aberto para a vida, para mais vida?!

Tal como o sementeiro que saiu a semear sua semente, dois, que mais vivam do passado, gravitando em torno das origens da sua vida, se constituem, um pelo outro, um novo centro de gravitação.

Não é por graça fácil, alusiva ao apelido antigo do noivo de hoje, que eu afirmo a obrigação do planeta se transmutar em estrela. É que lhes compete: procurar a luz própria que hão-de irradiar sobre os que têm direito à sua fecundidade (em primeiro

Calvário

O Bernardo é natural de Luanda. Em pequeno foi vítima da poliomielite, ficando paraplégico. A deformidade dos membros inferiores agravou-se, e ele andava pelas ruas da cidade ostentando seu defeito físico como meio eficaz para angariar esmolas. Era um pedinte. Mais: pequeno vadio entre outros de igual condição. Encontrei-o e trouxe-o comigo para o Calvário.

O tempo, os ares, a promoção social (que ele para os de cor é promoção viver lado a lado com os brancos), apagaram nele o vício da mendicidade, sendo hoje feliz por se sentir útil com o trabalho que realiza aqui, condicionado à sua capacidade evidentemente, mas de proveito para os mais inválidos do que ele. E, feita a recuperação moral, agora que ele está prestes a concluir a instrução primária, procurá-lo, o parecer médico sobre a possível recuperação física deste rapaz. Impunha-se consulta no Hospital de São João. Tratei dos papéis precisos (que ele sem eles nada se pode fazer hoje em dia) e apresentei-me no serviço de ortopedia. Não houve dificuldade, porque alguém conhecido nos conduziu pelos corredores compridos e repletos de gente aguardando vez. A resposta foi clara, sobre a viabilidade de uma certa recuperação. Fi-

Continua na QUARTA pág.



UM HOMEM QUE VIVERÁ

ram atingidos pelo fulgor da sua inteligência, pela intrepidez do seu carácter, pela pureza da sua Fé.

Nós não vivemos longamente perto, mas tivemos a boa sorte de fruir intensamente algumas horas breves de convívio com o Senhor D. Sebastião de Resende. De resto, a distância não pode nada contra a comunicação do espírito. Por isso, antes de o conhecermos, já o conhecíamos; antes de o amarmos mais, já o amávamos muito.

Continua na TERCEIRA pág.

Recordar, que não é apenas acto da memória, mas o re-passar de uma imagem pelo coração — eis o que há-de acontecer muitas vezes a quantos de perto privaram com ele; e a todos os que, debruçando-se sobre uma Sociedade onde os Homens não são demais, mesmo de longe, fo-

FESTAS

Estou em Setúbal, onde a fogueira ainda se não acendeu.

Júlio encomendou-me um artigo «poético e com alma». Ora vejam os senhores, e digam-me aonde hei-de ir buscar o estro! Até o que me falta é a poesia, que a alma tem-se gasto na elaboração do itinerário, difícil de estabelecer, como já disse no último número!

Portanto, daqui respondo ao Júlio que este Festas vai ser de parceria. Eu trato da prosa. A poesia, que a faça ele.

Temos, pois, Paço de Sousa a carburar para que o nosso vasto e caloroso público não seja defraudado na expectativa com que nos aguarda. Suponho que João, já entregue de alma e coração aos ensaios, terá a orquestração da música e o poema preparado. O mês que falta espera-se que baste para apurar os actores.

Em Setúbal, Crisanto e Rouxinol olham um para o outro e ainda não arrancaram. Para já trata-se de saber o que apresentar. E depois os ensaios, aqui especialmente penosos, dado que a maioria

dos artistas estuda à noite e o tempo escasseia.

Do Tojal nada sei dizer.

Só sei que já temos várias datas marcadas:

- Março — 2 — Coliseu, do Porto
- 6 — Avenida, de Coimbra
- 8 — Lúcio da Silva, de Leiria
- 10 — Aveirense, de Aveiro
- 13 — Teatro de Lamego

Veremos se na semana de 12 a 18 poderemos aparecer em Penafiel e Amarante.

Depois..., só depois da Páscoa. E para então só temos confirmadas as datas de 5 e 6 de Abril, respectivamente no Luís Todi, de Setúbal, e no Monumental, de Lisboa.

E dou a palavra ao Júlio.

x x x

«Com esta é que eu não contava! Mas para quem vive as Festas há tantos anos, no marulhar das suas voltas e voltinhas (burocracia, bilheteiras, CONTINUA NA QUARTA PÁGINA

Continua na SEGUNDA página

Aos nossos Casados e Casadoiros

A propósito do casamento do Antunes e Maria Emília

Continuação da PRIMEIRA pág.

lugar os filhos; e todos nós, também); e a firmeza de posição, que o cântico ofertorial da Missa de hoje pede: «Firmai, Senhor, meus pés em Vossos caminhos, para que não vacilem os meus passos». Para que não vacilem os seus passos, nem os daqueles que, gravitando em torno do casal, ampliarão todas as perturbações que este sofrer.

Quantos cataclismos, quantas desintegrações, quantas tragédias — não têm a sua origem, justamente, na fragilidade de um par que não toma consciência da sua missão de estrela: ponto luminoso e fixo de referência.

O acto sacramental que estamos realizando é, pois, a saída do sementeiro. Quem, humano, pode garantir a eficácia da sementeira?...

Estamos aqui como que assistindo a um embarque para nova descoberta. Não que o caminho seja genericamente desconhecido. Mas ele guarda o seu mistério específico em relação a estes dois. É que eles hão-de rasgá-lo, hão-de construí-lo com o seu amor e o seu esforço; não à aventura, como quem corre sem saber para onde; mas como quem sabe que é Deus Quem chama e que caminhar é ir atrás da voz de Deus.

O sementeiro, quando sai a semear, nada sabe, com certeza, dos frutos que virá a colher. Mas, ao semear, comprometeu-se com a boa-sorte da semente que entregou à terra. Não lhe basta semear. Se o fez, terá de suar e de sofrer sobre a sua sementeira, para que ela não seja atravessada pelos intrusos, nem inutilizada pelos pedregulhos, nem asfixiada pelas ervas ruins. E a terra será boa, responderá em abundância, se a sementeira o não foi apenas de semente, mas foi, e continua a ser, uma entrega de amor.

Estamos aqui participando numa largada para a vida, para mais vida. E a vida é uma obra; constitui um todo. Tudo o que hoje fazemos, compromete-nos no futuro. Tudo o que fazemos é uma sementeira de consequências, que, mais ou menos, frutificará — e mais facilmente as consequências más do que as boas!

Estamos aqui participando... Todos nós nos estamos comprometendo no vosso compromisso. O mundo de hoje tem medo a esta palavra: COMPROMISSO. Te-

me-a e evita-a. Em nome de uma prudência que nada tem de sobrenatural, procura levar cada vez mais longe as experiências prévias antes de se decidir. Tremede diante do definitivo e vai-se arrastando no provisório. E o tempo passa; e a vida escoá-se; e a obra que ela é, o todo que ela faz, cada vez mais é arriscado à sorte das «Capelas Imperfeitas».

«Firmai, Senhor, nossos pés nos Vossos caminhos... Mostrei a grandeza da Vossa misericórdia, Vós que salvais os que em Vós esperam».

Não quero dizer que uma largada para a vida, para mais vida, não haja de ser preparada profundamente. O homem deve orientar-se no princípio da idade adulta e fazer uma prova de si mesmo antes de partir para cada nova descoberta. Mas não pretenda saber tudo do futuro, que isso sempre lhe será vedado. E porque não conhece até ao último pormenor as implicações que amanhã lhe trará a sua resolução de hoje, não deixe de decidir-se.

O homem terá sempre de decidir antes de viver. Terá de decidir para viver. Aliás, a sua vida será um mero passar de tempo, um desfilar informe de acontecimentos.

São, justamente, as fundamentais opções exigidas pela orientação da vida, segundo um programa, conforme ao projecto total da obra que ela é, que nos fixam, que nos promovem de astros errantes que somos nos primeiros anos da nossa existência, a estrelas, firmes no espaço e cintilantes de luz, que devemos ser na idade adulta.

Semente que fomos semeada, para dar semente que sairá a semear... outra semente que dará semente... — que outra missão mais bela quereis vós?!

Não tenhais medo! Depois da madura reflexão que vos trouxe aonde estais, vós, os noivos de hoje, e vós, os de ontem, e vós, os de amanhã, que a vossa viagem contínuo pelos caminhos ainda não andados com que haveis de enriquecer os homens vossos irmãos.

Os navegadores de quinhentos sabiam onde queriam ir: a novas terras ainda ignoradas, por caminhos ainda desconhecidos. Não iam à toa. Guiavam-se pelo sol e pelas estrelas e uma intui-

ção atraía-os à meta do seu destino.

Deus vos chama. Na Sua Igreja encontrareis a orientação genérica — tudo o que Lhe compete dar a todos. A orientação própria a cada um de vós será da vossa responsabilidade. Sois maiores — sois responsáveis. Escolhei. Viver é sofrer risco. Fugir ao risco é não-viver.

Nas horas difíceis, quando a barca quase naufragar, implorareis ao Timoneiro que parece adormecido: «Levantai-Vos! Porque dormis, Senhor? Acaso esqueceis a nossa angústia? Estamos caídos, colados ao chão. Levantai-Vos, Senhor e ajudai-nos! Libertai-nos por Vosso amor».

E a vida, a nossa vida comprometida com Ele com um rago da mesma espécie da com que Ele Se compromete connosco, será uma alegria perene de juventude, será uma liberdade parecida com a que experimentávamos quando éramos astros errantes, agora que somos fixados para sempre junto do Altar de Deus.

A casa do nosso Irmão, para quem pedi a vossa ajuda, está praticamente pronta. Mas o seu custo, foi mais além do que os donativos recebidos até esta data. Quem quereirá dar mais um empurrãozinho? Apenas 41 leitores têm o seu nome escrito no banco de Deus. Que é feito dos outros que leram a notícia, e passaram à frente indiferentes às dores alheias? É sempre tempo para praticarmos o bem; por isso, mandem o vosso contributo.

A dívida está aberta, e há-lhe ser paga com as vossas migalhas.

x x x

Continuação das encomendas enviadas: Porto 2 mantas; «estão melhor do que eu pensava!» Lisboa, 2 chales em bico, dos que se usam agora. Quem dera que todos os leitores, trouxessem dos nossos chales; andavam mais quentinhos, e as nossas tecedeiras tinham mais pão. Castelo Branco, 3 pares de sóquetes. Aveiro, 6 aventais. Alcobaca, 2 chales, para agazalhar duas velhinhas. Tortosendo, 2 chales, e 2 camisolas. Gondomar, 1 chale e 8 camisolas. Valbom, 26 camisolas. Lisboa, mais 4 chales. Porto, 6 chales de bico. Oliveira de Azemeis, 3 chales. Ilhavo, várias peças de costura. Ribatejo, 2 camisolas, «que vieram a nosso gosto». Lisboa, 3 camisolas. Oliveira do Mondego, 1 chale, e 2 pares de sóquetes. Porto, 2 camisas de noite. Freixo, 1 chale. Paço de Arcos, 3 chales dos pequenos.



Pinhel, 1 avental. Palmela, 1 combinação em malha. Lourenço Marques, 2 colchas em lã e algodão, e 1 chale. Loures, 1 chale. Caramulo, 2 camisas de dormir. Lisboa, 2 casacos em malha. Alcobaca, 2 chales, 1 camisola, e duas pegas. Lisboa, 8 chales, para tirar do frio outras tantas pessoas. E tem feito bastante este ano! Niza, um chale. Lisboa, 1 chale e um pullover. Porto 8 chales. Guimarães 1 chale. Outra vez Lisboa, com 26 camisolas. Ninguém tira a palma a Lisboa! Já repararam nisso?

Recebemos 1.700\$00 com a condição de fazer agasalhos para os gaiatos de Paço de Sousa. Fizeram-se camisolas, e já foram entregues. De Guimarães, um donativo de 108\$, e 100\$ mensais para o novelo. Da Praça de Damão, 200\$00. 20\$00 da Avó de Moscovide. Anónimo, 20\$00; do Senhor que assina «Bem haja», os 100\$00 mensais.

É tudo por agora, e demos graças a Deus.

M. A.

Aqui, Lisboa!

Não raro se ouve dizer que os «os tempos andam mudados», querendo-se significar com isso a irregularidade do clima, chuvoso ou frio no estio e seco ou moderado no inverno. Há quem, em busca de razões, atribua o facto às explosões nucleares, aos satélites ou, na expressão simples e popular, «à bomba». Que há muitas coisas transformadas neste Mundo não há dúvida, o que não quer dizer que tudo o seja para o Bem ou indiferente.

Anunciam os jornais, à falta de melhor, que os galos já põem ovos... Não nos admira que assim se diga, nós que temos tido dificuldades, muitas vezes, em saber distinguir se um ou outro cidadão que se cruza connosco é homem ou mulher... Pois não é verdade que há pessoas do sexo feminino de calças de homem com faces masculinizadas e de cabelos «à garçon»? E não há rapazes ou homens de rostos efeminados, de maneiras cheias de «coqueterie» e de cabelos compridos, a exigirem trança ou a tesoura desses energúmenos que ultimamente, em mira de negócio, têm assaltado as jovens ou mulheres de cabeleira farta? Que dizer desses guedelhudos que por aí já pululam à boa vida, de mãos macias a pedirem «obras», unhas pintadas segundo o melhor gosto do sexo oposto, trejeitos bamboleantes e trajos incaracterísticos? Será que os sexos também terão mudado? Ou estarão esses meninos em via de des-

civilização? Tem mudado tanta coisa, realmente, que já não nos espantamos com facilidade, mas, com franqueza, um homem é um homem e um bicho é apenas um bicho e isto nem com diplomas se modifica.

Está próxima a época carnavalesca. A luz do dia virão, a seu tempo, posturas das autoridades. E entre o articulado do costume, com certeza, lá virá uma alínea ou artigozinho a dizer ser proibida qualquer máscara a induzir confusão de sexos. Mas para quê, afinal, gastar papel e trabalho, se ao fim de contas, no resto do ano, reina a desorientação e temos, à cautela, de perguntar ao vizinho: «é homem ou mulher?»

Realmente há muita coisa mudada, mas o que não sofreu mudança e jamais a sofrerá, não tenhamos dúvidas, são as normas da decência e do recato, do respeito dos Valores, da pureza e da graça, que nos mandam ocupar o nosso lugar e dar a cada coisa o uso e sentido próprios.

Ao fim e ao cabo de quem a culpa do descaramento de costumes que queremos caricaturar acima em leves pinceladas? Dos pais de família, que tendo ausentes as suas responsabilidades, não se opõem aos desregramentos verificados, antes, tantas vezes, com o seu procedimento, provocam o descabro moral ou indicam caminhos torpes aos seus próprios filhos. E sobre isto muito haveria a dizer.

Não culpemos a Juventude; mas, se a queremos salvar ou preservar do mal, temos, antes de mais, de lhe dar o exemplo e este implica esforço, dedicação, compreensão e amor, além da firmeza e do bom senso. Os princípios não mudaram, como muitos desejariam; apenas as circunstâncias e as aplicações podem ser outras, porque outras são as pessoas e as épocas. Na base de tudo, afinal, está a célula número um dos povos — a Família. Como disse Pai Américo «tudo quanto seja regresso a Nazaré, é progresso social cristão». E, sem Famílias válidas não será possível educar devidamente. Isto para lá da ausência ou ineficácia de outras estruturas.

x x x

Ao longo do ano que findou, de várias proveniências, chegaram-nos os mais diversos donativos e as mais diversas ofertas. Na impossibilidade de aqui registar tudo, temos seguido o critério de, tanto quanto possível, agradecer pessoalmente o recebido. Queremos hoje porém, anotar aqui três casos: o «reduzido» grupo de L'Air Liquide, os funcionários da «Nestlé» e o numeroso conjunto de Amigos da Mobil que, perseverantemente, superando o sacrifício apaixonado e particular de alguns «Carolinas», se apresentam com uma periodicidade edificante. Por exemplo, o último, todos os meses na brecha, totalizou o donativo de 17.950\$00. Bem hajam todos.

Padre Luiz

COLISEU DO PORTO

2 de Março — às 21.30 h.

Os bilhetes para a nossa Festa estão à venda — Dias úteis: Espelho da Moda, Rua dos Clérigos, 54; e todos os dias nas bilheteiras do Coliseu do Porto.



MALANJE

O povo do norte desta Província, especialmente os Malanjos, como os dois anos anteriores e sempre em medida crescente, não nos faltou com os seus carinhos, orações, lambarices e uns donativos em dinheiro, que nos vieram aliviar um pouco.

«A Obra é de todos os portugueses de boa vontade». Só assim se compreende o que está feito, e o Povo de Malanje vai-se compenetrando a pouco e pouco desta realidade. E é por isto mesmo que o nosso Natal e demais festas foram bastante mais alegres. A alegria que reinava nas almas, juntou-se a alegria terrestre que vós, amigos, fizestes brotar. Ele vem aí a Páscoa e lembro já umas amendoazinhas para os nossos mais pequeninos. É que o ano passado dado que não tínhamos o suficiente para as obras não pudemos comprar esta lambarice.

E por isto, não nos perguntem, tão admirados, como conseguimos arranjar o preciso para as obras. De grão a grão enche a galinha o papo e temos bem presentes que o Senhor nunca falta aos lírios do campo nem às aves do céu. Que fará às crianças abandonadas?!

Eis: Um Senhor muito amigo, 300\$. Gerente do Banco de Angola mais 300\$. Ainda de Malanje: Casa Sul, uma consuada muito amável e lembranças para as meninas. Castro Neves, uma consuada muito simpática. Parece-nos que estes senhores já compreenderam que as nossas Casas são casas de família e daí 12 chavenas muito finas para café. Do nosso Pai na Fé, como não podia deixar de ser, dado o carinho que nos tem dispensado, 5.000\$00 e a sua presença paternal no dia da festa da nossa Obra, que fez já 27 anos no dia do Santo Nome de Jesus.

Livraria Liz presenteou-nos mais uma vez com uma bola. Desta vez de borraça, mas bastante jeitosa e lembranças próprias para as minhas meninas. Mesmo em linha recta, temos a Cotonang que pela mão do seu Director e como nos anos transactos, 3.000\$. E Malanje continua: agora com a Câmara Municipal, que além de vários favores que nos tem prestado, mais 300\$. Snr. Reitor do Liceu Adriano Moreira, 100\$00. Um empregado do Grémio do tabaco, 100\$ mais uma garrafa de brandy e ainda um doce feito pela senhora para os nossos pequeninos. Além do que este casal deu, calou-nos bem fundo as suas palavras amigas e cheias de sentido cristão: «Isto é para os vossos rapazes que também são nossos».

Muitas casas comerciais estiveram presentes. Ora vejam: João da Silva Gomes, 1.500\$; Centro Comercial de Ferragens, uma consuada muito jeitosa. Ferragens Unidas, um

pipo de vinho e mais 500\$00. Victorino Sampaio de Magalhães, um saco de arroz e também 500\$00.

E agora além de muitos anónimos com muitas e variadas esmolos temos os empregados do Banco Comercial com 500\$ e ainda os patrões destes, também com 500\$. Os Armazéns do Planalto não nos faltaram com bacalhau, vinho e um saco de massa.

Dos empregados da Casa Americana Comercial, várias grades com bebidas. Família Castro & Irmão, roupas e calçado. E nós que temos tanta falta! Família Leitão, uma consuada também muito boa. Família Neves mais 300\$00.

A procissão de Malanje ainda não acabou. Temos agora o Senhor Governador que nos mandou ir por dois caixotes cheios de muitas coisas boas; ele bolachas, ele muitas frutas secas e pinhões, e mais, e mais! Ele sabe que os pobres nas festas também gostam de ter as suas lambarices. Pelas mãos de um visinho, 200\$. Novamente o Reitor do Liceu, 200\$. De um visitante que sempre que cá vem deixa a sua telha, 100 mais 100\$ e mais 50\$. Um senhor engenheiro amigo, 500\$. Uma outra família amiga, 100\$. M. Raquel 300\$. Os Escuteiros de Malanje também estiveram presentes com 500\$. De um anónimo 500\$ e mais 3 cabritos de uma família muitíssimo nossa. E para finalizar a procissão onde não há opas, mas há bons corações, temos Malanje ainda com uma festa a nosso favor, que rendeu nada mais, nada menos que 9.968\$. E aqui não podemos deixar de expressar o nosso amor pelas pessoas que se esforçaram e levaram a cabo esta festa de amizade.

Mas como não é só em Malanje que temos amigos segue-se agora Luanda por intermédio de um anónimo muito nosso, três peças de pano para camisas. Quem nos dera uma peçazinha de fazenda para calças dos mais velhitos e até para os mais novos! Temos ainda dois professores da Escola Técnica de Malanje com 100\$ cada. Cruz Vermelha Portuguesa, Delegação de Malanje, 4.000\$00. Sindicato N. dos Motoristas F. e Metalúrgicos, Delegação também desta cidade, 250\$00. E para terminar vários donativos de uma Doutora muito amiga.

E temos outra vez Luanda com 150\$, da Cx. P. 278. Entregues na Livraria Lello e despachados por esta, vários embrulhos com roupa para nós e para os nossos leprosos de Dange-iá-Menha. Hugo Manuel, juntamente com pedidos de bençãos do Senhor para a nossa Obra, 5.000\$00. O Snr. Administrador das tintas FERCOU, anulou-nos uma factura no valor de 3.160\$00. Ainda Luanda: um casal de Cursistas, 2.000\$00. Assinante

n.º 3.939 um embrulho com roupa. Um Sub-chefe da P. S. P. de Luanda com pena de não poder ser mais, 100\$00.

Mas também não é só Malanje e Luanda que lêem o nosso jornal. Não é não senhores! Temos também Sendim-Sabor, por intermédio do Snr. Alfredo A. Ferreira, 5.000\$. Estes foram para a porta do sacrário que ainda não chegou. E o dinheiro do sino? O Snr. Padre Carlos já encomendou o dito. Quando houver portador aí está ele. Com a ajuda de todos estes nossos amigos a Capela vai ficar mesmo-catita. Para Deus tudo é pouco. Ela é muito simples mas de linhas airosas e modernas e nós primamos para que esta fique bem acabada. Nós sabemos que podemos rezar em qualquer sítio, mas dentro da Capela, frente a Ele está-se melhor! E aqui já vos informo que as Escolas estão prontas e duas salas já estão a funcionar.

Fernando Dias

Agora temos o Snr. Padre Cardoso de Cacusos com 4.300\$, provenientes de assinaturas que ele arranjou e que todos os anos trata de cobrar. Ele sabe que o nosso «Famoso» faz bem às almas e por isso o quer para o seu rebanho.

A cidade de Salazar também esteve presente com 50\$ e plantas para a nossa Aldeia. E além do bom acolhimento que nos deram quando do pedatório do nosso Padre Telmo, temos ainda lá amigos que nos mandam várias vezes as suas lembranças pelo vendedor do nosso jornal. E o Snr. Ribas desta cidade entregou-nos 200\$00, sendo 100\$00 para nós e a outra metade para os Pobres de Dange-iá-Menha. De Henrique de Carvalho chegou-nos às mãos 150\$00 dos Snrs. M. José e E. Rodrigues. O Governo de Distrito de Uige como nos demais anos não se esqueceu de nós e cá chegaram 2.000\$00. E para finalizar temos os nossos assinantes de Cambambe com 5.255\$00.

Temos feito alguma coisa, mas todos juntos e com a ajuda do Pai do Céu, esta nossa Aldeia será uma realidade e albergar mais de uma centena de rapazes abandonados. Bem hajam.

Fernando Dias

eu vi os seus olhos brilharem quando me respondeu: — Eu não sabia que o Padre Américo queria assim. Quanto cresce a muita admiração que lhe tinha!

Foi naquela hora que as dores de gestação terminaram, porque nasceu ali a fórmula porque havíamos de lutar.

— Lutem, sofram, esperem, até convencer e impor o pensamento do P.e Américo, tão actual, tão Conciliar — tornou-me a dizer.

E eu regresssei à Metrópole. E os nossos Padres acolheram, unânimes e exultantes; o conselho, o impulso do Senhor D. Sebastião.

E nós só tivemos de lutar um pouco mais. No dia dos 25 anos da «Obra de Pai Américo», os «padres da rua» pediam aos seus Bispos, em «colégio», o reconhecimento da sua filiação em comum.

O pedido foi aceite em Fátima no dia 3 de Julho seguinte, para ser publicado em 16, aniversário da morte de Pai Américo.

Senhor D. Sebastião soube-o logo e respondeu-nos de tal maneira que tivemos pudor de revelar a totalidade da sua mensagem, pela consciência de, pessoalmente, a não merecermos.

Um Homem que viverá

Cont. da PRIMEIRA página

Senhor D. Sebastião guiou-nos muitas vezes, fortaleceu-nos muitas outras, sem o saber. Mas na hora em que Deus nos chamou a África, fê-lo expressa, conscientemente. Se tivemos a coragem de ir, de ir como fomos, não foi que dele a recebêssemos originariamente; mas dele recebemos a confirmação de que o nosso ir e o modo de ir eram serviço da Igreja e o melhor que Lhe poderíamos prestar, associando a acção ao testemunho, a entrega aos Pobres na Pobreza à liberdade. Sem esta voz de um Bispo, de um Bispo de África, que consumou com rara fecundidade o matrimónio com a Terra e o Povo que o Senhor lhe confiou — sem esta voz, talvez a nossa inexperiência e pouca autoridade tivessem vacilado e nós houvéssemos traído a vocação que originariamente Deus nos deu e a Igreja confirmou pela palavra do Seu servo Bispo da Beira.

Depois, tivemos a graça de um domingo inteiro com ele. Juntos pisámos terras do Chimoio, sonhando dilatação do Reino de Deus em Moçambique. Como fiquei amando as terras de Chimoio Quem sabe

se não serão elas as que me hão-de guardar...?!

No regresso, perto da Beira, já era noite, confidenciámos-lhe as dores de gestação do nosso modo de ser na Igreja. Contámos-lhe a misteriosa incapacidade de avançarmos no sentido de um Instituto autónomo. E revelámos-lhe o desejo primitivo de Pai Américo de que fôssemos sempre da Igreja dos Bispos, sem mais classificação. Era noite, mas

Mas a sua amizade, o seu respeito — revelamo-lo agora.

Como não havíamos de o amar, pois, se já antes o amávamos tanto?!

Para nós, ele será um Homem que vive — que vive na «via principal» da nossa vida (a que nos liga à Igreja de Cristo), onde, ao passarmos, leremos sempre a sua grandeza de Servo na majestade do epítáfio que escolheu: **Sebastião, primeiro Bispo da Beira.**

Teatro Lúcio da Silva — LEIRIA

8 de Março — às 21,30 h.

Bilhetes à venda: nas bilheteiras do Teatro

x x x x

TEATRO AVENIDA — COIMBRA

6 de Março — às 21,30 h.

Os bilhetes para a nossa festa já estão à venda: no Lar do Gaiato, Tel. 24648; Casa do Castelo, Rua da Sofia; e nas bilheteiras do Teatro.



CAL + VA RIO

Continuação da PRIMEIRA pág.

cámos contentes. Mas, em ar de confiança, o mesmo médico informa-nos de que o nosso doente tem de esperar certamente muito tempo para ser internado, pois que estão à frente dele 3.060 doentes, num serviço que dispõe apenas de cerca de 40 leitos, com a agravante dos casos traumáticos, que diariamente ali comparecem e que naturalmente são preferidos.

Claro, que é utopia esperar. Quando a vaga surgir, já o Bernardo será adulto e os

membros estarão anquilozados de tal sorte, que nada mais haverá a fazer.

Nós somos pobres. Vamos à consulta dos Pobres. Se fôssemos ricos íamos a uma clínica. Pagávamos estadia e éramos servidos. Assim não. Temos milhares à frente.

Sugerem-nos que com uma cunha se arranja vaga. É o costume dos nossos dias. Os homens atropelam-se uns aos outros para serem os primeiros, em todos os capítulos da vida, inclusivè no da saúde. Mas eu não quero cunha. Quero justiça. Sou pobre e quero que se faça justiça aos Pobres. Tirar a vez ao Pobre que precisa é crime. Como o é não dar o seu a seu dono.

Ora, se a falta de leitos é de ordem material, retire-se a receita para eles de coisas mais dispensáveis, que o Homem é o maior bem sobre a terra. Se a falta é de gente que trabalhe, então estamos a bater no fraco do nosso tempo — o egoísmo: cada qual preocupa-se consigo e não se dá que os outros precisam dele. E ai dos Pobres! O Bernardo vai esperar e eu também, mas sem esperança.

Padre Baptista

FESTAS

Cont. da PRIMEIRA página

meios de difusão imprescindíveis para lembrar o Público, etc.) seria vergonhoso calar o bico ao «ultimatum». Poesia não. Também não sou poeta! Mas poesia como a gente entende, sim—deixar falar a alma, o coração, sobre aquilo que vemos e sentimos. Afinal somos ambos poetas! Quem havia de dizer!!

Ora já que os nossos Amigos não podem viver o melhor da Festa (ensaios, bastidores e o mais) saibam que a revolução operada em nossa vida é tão grande, tão grande, que ainda este ano, como nos outros aliás, apeteceu-nos já fechar as portas da Tipografia até à última festa! É que o pobre do João tem falta de ar-

tistas para a opereta e vá de escalar tipógrafos em série. Ele até anda enrascado com as músicas! Diz Padre José Maria que o trabalho do maestro ainda está na forja. Mas ele tem o gravador... Quanto a bilhetes pró Coliseu, desde o dia 31 de Janeiro, ficam ao vosso dispor nas bilheteiras e no Espelho da Moda. Mais dores de cabeça prá Madalena e pró Sr. Carlos Pinto! Nas outras terras faremos o mesmo brevemente. E damos já nota do Coliseu, sobretudo por via de muitos amigos que esperam o ano inteiro para serem os primeiros a conquistar os primeiros lugares. Alto! Já foi demais. O nosso linotipista está cheio de material e diz que não podemos abusar das magras colunas do «Famoso»!

Teatro Ribeiro Conceição — LAMEGO

13 de Março — às 21.30 h.

Bilhetes à venda: no Lar Operário, R. do Teatro, 16 e nas bilheteiras do «Ribeiro Conceição».

X X X

TEATRO AVEIRENSE — AVEIRO

10 de Março — às 21.30 h.

Bilhetes à venda: nas bilheteiras do Teatro



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

PELAS CASAS DO GAIATO

Lar de Coimbra

A vida estudantil não compensa as notas obtidas. O esforço dispendido por toda a malta não teve o seu mérito. Porquê? Poderão responder os que embora sacrificando-se não tiraram o rendimento necessário para se pensar no exito final. Houve certa decepção. Mas não desanimar. Os períodos que se seguem farão render a vontade daqueles que querem triunfar. Há melhores condições de estudo que nunca, mas a vontade de alguns...

— Já há tempos estavam prometidas colchas para todas as camas, pois as que havia estavam já velhas, remendadas e a pedir reforma.

Encarregou-se dessa tarefa a S.ra D. Maria Xavier, Senhora muito nossa, que, visitando-nos com as suas alunas da Escola Brotero viu a necessidade das mesmas, e mãos à obra...

Nas aulas de trabalhos práticos pôs as suas alunas a fazer umas «mantitas» de lã que são um encanto. E as colchas e as mantas chegaram pelas mãos da dita Senhora e da Sr.ª D. Glicínia. Com elas veio a colaboração de parte das alunas e Senhoras da referida escola que deram a mão para que antes do Natal, todos tivessem camas com colchas novas. Até a Sr.ª Maria da Luz não foi esquecida. E que contente ela ficou. Só é pena que actualmente se encontre hospitalizada. Deus permita que em breve se encontre entre nós, dispensando-nos o seu muito carinho e o seu amor.

É a única mãe que muitos conheceram e conhecem. Daí a nossa ansia de voltar para junto de nós.

—A festa dos gaiatos no Avenida voltou aos ouvidos de todos. E apesar de me já terem dito «guarde-me

uns bilhetes bonzinhos» não me deu grande ânimo. Muitos guardam para o fim e depois queixam-se: «sabiam que eu queria porque não guardaram»? Não se guardam bilhetes sem marcação. Vendem-se nos lugares do costume, e para já não se pensa em 2.ª festa, como o ano passado. Os bilhetes já estão à venda na Livraria Castelo e em nossa casa. Iremos levá-los a casa de quem os marcou pelo telef. 24648.

O entusiasmo reina na nossa malta.

Trindade anda entusiasmado com Miranda. Paço de Sousa é sempre novidade. Os «batatinhas» este ano trazem números especiais.

Marquem já... depois não se queixem!...

Joaquim de Sousa

X

SETÚBAL

OFICINAS E LAR — As oficinas estão à espera da electricidade... e de que tu nos ajudes com vidros, tintas e com máquinas que ainda não estão pagas.

Era uma vez um nosso amigo a receber o seu «ordenado». Olhou a mercearia e olhou as nossas oficinas e o nosso Lar, e viu a mercearia em segundo plano. Por remissão dos seus fracassos preferiu o bem estar dos outros.

Senhor Padre Acílio diz que não «olha para trás», mas os calotes que temos, é que não o deixam olhar mais ao longe.

Ernesto Pinto

X

MIRANDA DO CORVO

OBRAS — Andamos com as nossas oficinas em obras.

E isto porquê? Eis a resposta: porque as oficinas são pequenas de mais para os que lá trabalham. Acabámos agora com a serralharia. Nesta oficina trabalham muitos rapazes que amanhã serão homens, senhores da sua profissão.

Escrevia eu esta crónica quando alguns dos rapazes da serralharia me pediram para eu pedir uma máquina de cortar ferro. Eles pedem e têm razão, para trabalhar precisamos de ferramenta. Desde já ficam aqui os meus agradecimentos.

Acabadas as obras da serralharia, começam as da carpintaria. Também nesta oficina trabalham muitos rapazes com um mestre. Desde já anuncio que podem aqui mandar fazer os seus móveis, os seus armários e tudo o que precisarem, pois aqui faz-se tudo o que é de madeira.

A coisa que é mais precisa é trabalhos e trabalhos bons; mandem-nos muitos trabalhos.

Fonseca

X

BELÉM

COSTURA — Nós agora temos andado a fazer mais trabalhos de costura. Começámos a fazer camisolos que mandavam para cá por acabar e nós acabámo-las. Falta de camisolos não há nesta casa o que às vezes não há é vontade de trabalhar.

Eu acabei uma camisola para mim, que a Madalena andava a fazer para ela há tanto tempo que já nem lhe servia.

A Dili também já fez outra para ela, a Sãozita também fez e a Lindita anda a acabar uma, também para ela, se lhe servir.

As da escola andam a fazer quadrados de lã, para fazer uma manta para vender. O pior é que se vão desmanchar muitos, por causa de estarem uns maiores do que outros. É quando está a chover que nós fazemos estes trabalhos, porque, quando está tempo bom, vamos arranjar folhado para fazer a cama aos animais e fazer outros trabalhos ao ar livre.

Zinha

PAÇO DE SOUSA

Mais um casamento e portanto mais um dos nossos que pertence ao grupo dos homens sérios

Desta vez foi o Antunes mais a sua Emília. Como tinha de ser, o casamento realizou-se na nossa capela, ao qual assistimos, mais os convidados do dito.

À Homília o Sr. Padre Carlos, pela boca de Sr. Padre José Maria referiu-se à responsabilidade que devem ter os noivos na vida de casados.

Finalizado este, os noivos saíram para enfrentar as câmaras fotográficas, pois o dia estava mesmo propício para tirar as fotografias da praxe. Seguidamente fomos para

o almoço, chegada a hora, que correu também às mil maravilhas. Nada faltou! Então o barulho que nós fazíamos no refeitório mais os vivos aos noivos, para este e àquele, era ensurdecedor!

Sentado no meu lugar reparava apenas nos sorrisos dos convidados que com as mãos a resguardar os ouvidos nos olhavam com admiração. Com certeza que alguns perguntavam a si próprios se aquela algazarra era já habitual!

Claro que sim, pois se é dia de alegria festeja-se assim. Viva a alegria!

José Francisco de Seixas



ANTUNES E MARIA EMILIA, NO DIA DO SEU MATRIMÓNIO, «POSARAM» PARA OS NOSSOS LEITORES.